

SILÊNCIO E EXCLUSÃO
- a morte e as personagens femininas no romance de Miguel Ferrante -

Margarete Lopes¹

RESUMO: A presente comunicação pretende analisar as personagens femininas nos romances do escritor acreano Miguel Ferrante, publicados nos anos 70, que Caio Porfírio Carneiro inscreve no conjunto da prosa regionalista de temática amazônica. Para além da intenção documental de sua produção literária, Miguel Ferrante descreve a condição submissa e opressiva da mulher tanto nas florestas e seringais, como na cidade grande, lugares onde sempre se desenvolve a tragédia, sendo a morte uma das características principais de sua produção ficcional e também o símbolo maior do silêncio e da exclusão feminina.

Palavras-chave: mulher, feminismo, literatura, Acre.

ABSTRACT: The present communication intends to analyze the feminine personages in the romances of the Acre writer Miguel Ferrante, published in years 70, that Caio Porfirio Carneiro inscribes in the set of regionalist literature of Amazonian thematic. For beyond the documentary intention of its literary production, Miguel Ferrante describes the overwhelming oppressed condition of the woman in such a way in the forests and injects, as in the great city, places where always the tragedy is developed, being the death the one of the main characteristics of its fictional production and also symbol biggest of silence and the feminine exclusion.

Key-words: woman, feminism, literature, Acre.

¹ Professora do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre. Tem doutorado em Teorias da Crítica e da Cultura, pela Universidade Federal da Bahia.

1 INTRODUÇÃO

Como já foi visto e discutido, a produção ficcional acreana em prosa, de autoria masculina, antes dos escritos de Miguel Ferrante², é composta de esparsas e raras publicações, a maior parte hoje esgotada e sem reedições. A editoração contínua de livros de poesia e ficção só acontece bem mais tarde, já na década de oitenta. Mesmo depois da elevação do Acre a Estado, em 1962, as publicações continuaram surgindo com um grande intervalo de tempo entre uma e outra.

Miguel Ferrante inicia sua produção nos anos 70 com dois romances: *Seringal*³ (1972) e *O silêncio*, escrito em 1973, mas somente publicado em 1979, ambos na cidade de São Paulo, por editoras de circulação nacional. Após mais três anos vem a público: *Festa de natal* (1982), e transcorrida bem mais de uma década surge *Sinal dos tempos* (1999), última obra de Ferrante, publicada na cidade de Brasília.

Se, em seu conjunto, a produção ficcional acreana parece ser deste modo ainda tão ligada ao documental e vinculada à literatura regionalista da Região Norte, podemos observar na obra de Miguel Ferrante um lento movimento de passagem do regional (*Seringal*) para o romance urbano (*O Silêncio*, *Festa de Natal* e *Sinal dos Tempos*). Da mesma forma, ocorre também uma mudança da ação no espaço da cidade de interior (*O Silêncio*), para as cidades grandes (*Sinal dos tempos*). Estas mudanças, porém, não alteram o fato de que na escrita de Ferrante, no tocante às personagens femininas, ele as represente e descreva sempre de acordo com a imagem feminina consolidada pelo patriarcalismo: frágil, delicada, sentimental, dependente, maternal por instinto, vazia de vontade e opinião, vivendo a vida em função do marido e filhos.

A maioria da produção ficcional de inscrição masculina no Acre, por todo o século XX, manifesta e ratifica o paradigma de controle do comportamento da mulher presente na sociedade brasileira. Para ilustrar estas afirmações, vamos comentar três dos romances de Ferrante, exceto *Festa de Natal* que de certa maneira tem uma forma híbrida, ou seja, uma mistura de

² Miguel Jeronymo Ferrante, pai da escritora Glória Peres, famosa novelista da Rede Globo de Televisão, nasceu em Rio Branco, em 3 de março de 1920, formou-se em Direito em Brasília, tendo depois exercido as funções de Consultor Jurídico e Diretor do Departamento de Educação e Cultura, quando o Acre ainda era território. Serviu, posteriormente, em Brasília, no Ministério da Justiça e também em São Paulo, como Juiz Federal. Suas atividades literárias, tanto no campo da sua especialidade quanto da ficção, foram desenvolvidas paralelamente com sua carreira de jurista. Morreu em agosto de 2001, de problemas do coração.

³ FERRANTE, Miguel. *Seringal*. São Paulo: Clube do Livro, 1972. Todas as citações serão feitas com o título do livro seguido da página no corpo do texto.

conto/depoimento/crônica/ensaio de análise dos sentimentos das pessoas durante uma noite de Natal. Segundo Romeu Jobim, no prefácio a *Sinal dos tempos*:

[...] neste terceiro romance, Festa de Natal, [...] o autor realiza como que um corte sobre o que nela se passa em todos os quadrantes da terra, em suas páginas comparecendo as pessoas com seus sonhos, ambições, grandezas, misérias e problemas existenciais. Descendo e cortando fundo sobre as mais diferentes camadas da sociedade, nesse livro se referem os grandes dramas humanos ao ensejo de uma noite de Natal (FERRANTE, 1999, p. 16).

Os livros de Miguel Ferrante mostram muitas características do romance de 30, a temática regional, a linguagem coloquial dos personagens, a denúncia das desigualdades sociais, um número grande de personagens em cada narrativa, com detalhes e minúcias de seu 'modus vivendi'. Bem ao estilo de Jorge Amado ou de Lins do Rego, para citar dois escritores de trinta que têm obsessão pelo documental, Ferrante escreve esmiuçando o cotidiano de seu povo, suas fraquezas e grandezas, suas festas, suas crenças, seus costumes, seus medos.

Não é surpreendente que seja provável e possível verificar na ficção acreana dos anos 70 produções literárias escritas ao estilo de 30 no Brasil. O Acre é um dos estados recentes do Brasil, que não poderia estar acompanhando simultaneamente os modismos literários e transformações culturais dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo nos anos 70, os jornais de maior circulação no país somente chegavam ao Acre com uma semana ou 15 dias de atraso. As idéias e costumes chegavam atrasadas e se incorporavam lentamente na sociedade acreana, conforme iam sendo assimiladas.

Numa entrevista concedida ao pesquisador Eduardo de Assis Duarte, lemos que, em 1934, Jorge Amado escrevia *Jubiabá*, aqui no Brasil; enquanto em Karkov, na extinta União Soviética, estava acontecendo o Congresso de Escritores que instituiu o realismo socialista. Perguntado do conhecimento desses fatos, Jorge Amado respondeu que soube vagamente que tinha havido o Congresso de 34, mas que o realismo socialista não chegou ao Brasil a não ser depois da segunda guerra (após 1945): “Essa teorias, como outras e as idéias em geral, viajavam muito lentamente, ao contrário de hoje em dia. *Aqui* não chegava nada” (DUARTE, 1996).

De forma semelhante ao Brasil dos primeiros tempos, também no Acre, as idéias do eixo Rio/São Paulo chegavam demorada e tardiamente. Os telefones eram raros, as estradas funcionavam precariamente durante metade do ano. Na outra metade, a lama das chuvas de inverno tornavam os caminhos intransitáveis, restando aos passageiros viajar de avião (da CAN)

ou de embarcações, e todos estes fatores retardavam e dificultavam as comunicações entre o Acre e o restante do país. E a própria condição da terra, como um território, desgarrado por interesses políticos e militares, não dava condições à região para se ver como um espaço independente e diferente do discurso sobre a Amazônia.

2 MULHERES NA SELVA

Levando em conta todos estes aspectos citados, iniciamos nossa leitura pelo romance *Seringal*, nele encontramos a história do menino Toinho. A narrativa transcorre toda na floresta, desde a colocação Colibri, onde nasce Toinho, sendo criado órfão de mãe, até sua transferência para o Seringal Santa Rita, de propriedade do coronel Fábio Alencar. Quando o pai de Toinho falece, em razão da vida muito rústica de seringueiro, prematuramente envelhecido pelo trabalho do extrativismo, o menino é conduzido para o Barracão, sede do seringal, onde mora o patrão: “No Barracão, há uma azáfama, um corre-corre, um matracar de vozes indistintas. O coração enorme do feudo do Coronel Fábio Alencar pulsa ao fluxo da vida que flui da selva colossal” (*Seringal*, p.19).

O menino, nomeado simplesmente Toinho durante toda a narrativa, fica diante do coronel, “todo encabulado, medroso, os olhos postos nos sapatos de seringa, pediu a benção” (*Seringal*, p.20). Criado nas brenhas da mata nos primeiros anos de vida, tudo era novidade para Toinho na vida do Barracão. O preto Raimundão leva o menino direto para a cozinheira Dolores:

Toinho encolhia-se aparvalhado, o bando de mulheres a olhá-lo, a apalpá-lo como um bicho, e o repto a charquear [...] – Olha aqui, Dolores, trago um filho pra vosmecê. A cozinheira aproximou-se. Uma preta gorda, atarracada e de expressão bondosa, metida numa espécie de camisola quase arrastando pelo chão, de mangas cavadas, que lhes deixavam a descoberto os braços (*Seringal*, p.21).

Podemos verificar que as mulheres são representadas na cozinha, que outro não poderia ser o lugar delas. Também os personagens negros são nada mais do que serviçais, sem destaques no mundo dos brancos. Toinho é acolhido por Fábio Alencar e criado pelas empregadas do coronel até a idade de dezesseis anos, ocasião em que o coronel lhe destina uma colocação⁴, para

⁴ A colocação é o lugar onde o seringueiro tem a sua barraca dentro da mata, algumas a cerca de 40 horas do Barracão. Cada colocação tem, normalmente, três a quatro estradas de seringa.

iniciar seus trabalhos no corte da seringa, uma vez que o menino desistiu da escola ainda nas primeiras lições.

Ferrante, seguindo os estereótipos da época, descreve a figura do coronel da borracha ganancioso, despótico, cheio de espertezas e crueldade que controla e escraviza seringueiros ingênuos e sem nenhuma instrução, analfabetos, que admiram aqueles que possuem mais saber do que eles, pobres criaturas vivendo uma vida quase de animais. A esse respeito afirma Márcio Souza:

O seringueiro, retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era uma espécie de assalariado de um sistema absurdo. Era aparentemente livre, mas a estrutura concentracionária do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Se tentava a fuga, isto podia significar a morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se como ser humano, era mais um vegetal do extrativismo (SOUZA, 1978).

No dia da partida de Toinho, já rapaz feito, para a colocação Bem-te-vi, que lhe foi destinada, fato acontecido no desfecho do romance, o rapaz dá um tiro de espingarda no peito do coronel. Assassinato cometido em vingança pela morte de Paula, moça que Toinho amava e que foi violentada pelo sobrinho do coronel. Toinho foi levado a cometer este ato desesperado, vingativo por amor de sua companheira de infância, Paula, por sua vez filha de uma senhora doente e parálitica:

Conhecera-a logo nos primeiros dias de sua chegada ao Barracão [...] Era como se sonhasse um sonho bom, banhado por um verde sol de encanto, a voz de Paula a despertá-lo como uma carícia [...] Voltou a sonhar de novo, sob o azul do céu. Sob o verde do olhar dela... Desde então encontravam-se com frequência, todos os dias, durante anos (Seringal, p. 52-53).

A moça, que sempre foi o amor de Toinho, uma bela morena de olhos verdes e longos cabelos negros, acaba se tornando o alvo dos desejos de Carlinhos, sobrinho do coronel e filho do prefeito da Capital, quando o rapazote veio passar férias no Seringal. Diante do ato brutal e violento do sobrinho, o coronel se limita a mandá-lo de volta para a cidade, às pressas, enquanto a menina Paula enlouquece, definhando aos poucos. A mãe dela também morre e a moça passa a morar com a parteira Margarida e Zé Mané, um casal amigo de Toinho.

A única atitude tomada pelo coronel de barranco é mandar chamar um médico da capital, mas somente para ter certeza de que moça não estava grávida. Recebendo a confirmação do doutor

Adelmar de que não houve conseqüências, o dono do seringal dá o assunto por encerrado e resolvido:

O Coronel Fábio sente-se imensamente aliviado. Rejubila-se, intimamente, com a notícia que vinha encerrar o assunto, pondo fim às preocupações do compadre Amílcar. Agora era esquecer. Do nervosismo da menina o tempo se encarregaria. Coisa de mulher. Haveria de casá-la mais tarde com um bom seringueiro, um desses homens que sabem fazer que os outros não ousem lembrar o passado (Seringal, p. 70).

A passagem marca a insignificância da mulher na sociedade seringueira, dentro das matas a única autoridade é a do patrão, o dono das terras e do dinheiro. Noutra passagem, o narrador descreve o coronel da borracha resolvendo os problemas de ordem sexual ocorridos no seringal, aqui se revela o tratamento dado à mulher adúltera:

Agora ali está o negro a pedir-lhe a mulher do outro. O destino da criatura dependendo de sua decisão. Ora veja. O bicho não é bem apessoado. Mas é trabalhador. Tem saldo. Ademais que fazer com uma mulher que engana o marido e ainda mais com dois filhos, É melhor acomodar tudo. Dar marido à viúva e teto às crianças. É melhor, não há dúvida.
- Se é para casar está bem. Pode levá-la. [...] Escuta, Limírio, convém dar uma surra nela para que te respeite de entrada (Seringal, p.83)

Pelos conselhos do velho seringalista, podemos verificar o tipo de tratamento dispensado às mulheres, tratadas de forma subalterna, sem poder manifestar nenhuma opinião nem mesmo sobre a própria vida. O destino das mulheres era decidido pelos homens, no caso, o dono do seringal, cujos sentimentos de piedade são reservados para as árvores, as seringueiras de sua propriedade. Fato que fica evidente quando morre um de seus melhores empregados, o seringueiro Serapião, que produzia forte e estava sempre com saldo. O Coronel Fábio fica tão pesaroso que vai pessoalmente enterrar o defunto, acompanhado de Raimundão e o comboieiro Didão. Lá chegando, enquanto os outros cavavam a sepultura, o seringalista foi dar uma volta pelas redondezas e descobre que as seringueiras da colocação de Serapião estão todas mirradas, morrendo aos poucos, porque o mesmo colocara “mutá” nas árvores, que significa fazer um corte criminoso das árvores para sangrar até morrer:

Ficou em desespero, só vendo, que contando a gente não consegue dizer. Queria acabar com o enterro, xingava o defunto [...] Palavra que Serapião teve sorte de estar morto naquela ocasião [...] Lha afianço a que não existe quadro mais triste do que uma seringueira morrendo sagrando pelo “mutá” ou pelo “toco”. É de cortar o coração, a infeliz se esvaindo em leite, se acabando devagar... Deus do céu aquilo não é árvore, é

vivente. Asseguro a vosmecê, é vivente. Óia, não envergonho de dizer a vosmecê e a todos os circunstantes presentes aqui que me dá muita vontade de abraçar ela, de lhe fazer carinho. Vosmecê já viu seringueira virgem, que não é cortada, não viu? Que bonito! Fica endoidecida, a desgraçada, e se a gente não “corta”, acaba espocando, desfazendo-se em leite. Inté parece que se suicida. Não tenha dúvida, é vivente [...] (Seringal, p. 118).

As árvores de seringa são descritas como se tivessem alma, personificadas, metáfora feminina num mundo onde a natureza se impõe mais forte que os homens. Eles se comovem com a dor das árvores, mas não se importam com os danos feitos a uma mulher violentada. A desgraça de Paula não tem relevância em um universo no qual os homens têm direito de dispor das mulheres como bem lhes aprouver, um mundo androcêntrico, comandado pelo homem. A violência sexual contra a mulher se esvazia de significado, não tem sentido diante de uma sociedade que reproduz na selva os modelos de controle do comportamento feminino existentes na sociedade urbana.

Deste modo, nesse livro de estréia de Miguel Ferrante, as mulheres são retratadas no lugar que lhes compete dentro do mundo patriarcal, de mulheres submissas, donas de casa. No momento de sua partida para a colocação onde passará a morar e trabalhar na seringa, Toinho vai se despedir e tomar a bênção de sua “madrinha”, a esposa do coronel Fábio: “Dona Clara estava na sala de visitas, sentada em um sofá de vime, a tricotar um suéter. As mãos ágeis, movimentando as agulhas, pareciam dois pássaros revolteando graciosamente” (Seringal, p.144).

A hierarquia social define o lugar da esposa do coronel como sendo a sala de visitas, as outras mulheres, empregadas, ficam na cozinha porque são cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, costureiras: “as vozes e os risos de quase uma dezena de mulheres, velhas e moças, confundiam-se ao tilintar de panelas e pratos” (Seringal, p. 21). Entretanto, todas elas, sejam brancas ou negras, esposa do patrão ou serviçais, estão igualmente confinadas ao ambiente doméstico. Além da função de cuidar dos afazeres domésticos, há somente outro destino para a mulher solteira, mas que sabe ler, vivendo em seringal: o de professora solteirona como dona Joana, “uma velha seca, espigada, com conhecimentos elementares, que se deixara tentar a viver naquelas lonjuras pela necessidade de um teto e do pão de cada dia” (Seringal, p.38).

Outro aspecto a destacar é que neste mundo paternalista, quando a mulher realiza qualquer obra de mérito, os créditos ficam para o marido ou outro homem da família. A mulher do coronel Fábio Alencar decide que seria de bom alvitre construir uma escola no seringal Santa

Rita. O marido considera a tarefa inútil, gasto de dinheiro sem serventia, a maioria dos seringueiros vivem em colocações tão distantes que os filhos levariam dias para alcançar o barracão da escola, ainda mais porque “de que serviria uma escola, dizia, na sede do seringal, para centenas de crianças que viviam em colocações distantes, dias e dias de viagem? Fazer um despesão para ensinar meia dúzia de brugres da redondezas, [...]” (*Seringal*, p.37). Situação já retratada em *Terra Caída*, de José Potyguara. Mas Dona Clara persiste na idéia de fazer a escola, contratando uma professora e providenciando tudo o mais.

A notícia da criação da escola chega a Rio Branco por telégrafo, depois os jornais da cidade noticiariam o fato enaltecendo o caráter e a iniciativa de visão do coronel da borracha: “O professor João Menezes, Secretário de Educação, dedicou a sua palestra das terças feiras, pela Rádio Difusora Acreana, à boa semente da árvore do saber que é a escola do Santa Rita, obra notável dessa figura magnífica de brasileiro que é o Coronel Fábio Alencar” (*Seringal*, p. 40). Portanto, pode-se observar a iniciativa da mulher sendo atribuída ao homem. É a mulher quem realiza, mas como ela não entra em linha de conta, os homens ficam com os louros. Podemos verificar então que o mundo do seringal é um mundo androcêntrico, patriarcal. Rosana Patrício observa que esta divisão de papéis é ditada pelos padrões convencionais de comportamento:

Nessa ótica conservadora cabem às mulheres “de família”, fundamentalmente, os encargos domésticos, a educação dos filhos e a prática religiosa. Enquanto isso, aos homens reservam-se as atividades ligadas ao exercício do poder e da vida pública em geral (PATRÍCIO, 1999).

3 MULHERES NA CIDADE

No segundo romance de Ferrante, a situação feminina não se modifica, continua sendo retratada do mesmo modo, permanecendo o mundo centrado no poder masculino, ainda que muito bem cercado sempre de mulheres para o bem servir. Ao contrário de *Seringal*, esta segunda obra transcorre toda na cidade, uma cidade qualquer do interior, que tanto poderia ser Rio Branco como outra cidade. Antes das primeiras linhas da narrativa, encontram-se as palavras: “as personagens deste romance são fictícias, com exceção do poeta Juvenal Antunes⁵. Tendo tido a

⁵ Juvenal Antunes nasceu no Engenho Outeiro, município de Ceará-Mirim, (RN), a 29 de abril de 1883. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Recife (PE), em 1908. Passou a maior parte da vida em Rio Branco, morava no Hotel Lisboa. Foi o autor do primeiro livro de poesias no Acre, *Acreanas* (1922). Morreu em Manaus em 1941.

ventura de conhecê-lo em sua mocidade, o autor presta homenagem à sua memória, transcrevendo trechos de alguns de seus admiráveis poemas”.

Apesar destes cuidados, o leitor atento perceberá as menções a locais e personalidades que realmente existiram em Rio Branco, na primeira metade do século XX, tais como o Cine Éden, o Hotel Lisboa, o Raimundo “propagandista” tocando tambor pela cidade, anunciando as festas, os filmes do cinema e as notícias da hora. A vida cotidiana de Santa Efigênia (a cidade fictícia) é descrita de forma semelhante à vida cotidiana em Rio Branco nas décadas de 30 e 40. Não há marcações específicas de tempo, mas é razoável supor as datas em razão da narrativa transcorrer nos tempos de Intendência, quando ainda não havia prefeituras.

O silêncio é um romance urbano. Apresenta como tema central a vida na cidade fictícia de Santa Efigênia, com seus moradores a se movimentarem numa trama dinâmica que elege o suspense como a maneira mais eficaz para prender a atenção do leitor da primeira à última linha” (SILVA, 1998).

O enredo começa com um homem do povo, Chico Vaqueiro, entrando esbaforido na delegacia para delatar que Simplício, anteriormente acusado e preso pelo assassinato da professora Fernanda, fugiu da penitenciária da capital e está voltando para se vingar da cidade, de seus algozes e caluniadores. Desse ponto de partida se desenrola toda a ação na cidade de Santa Efigênia. A primeira atitude do delegado Josias Cruz foi marcar uma reunião de emergência com as autoridades da cidade: o Intendente Serapião, o Juiz de Direito Esperidião, o promotor Dr. Tibúrcio, bem como o Tenente Aristides Quirino, ajudante do delegado. Examinada a história do Chico Vaqueiro, decidiram pela possibilidade de a mesma ser verdadeira e da necessidade de se consultar o Barão a respeito das medidas a serem tomadas.

O Barão era o verdadeiro “dono” da cidade de Santa Efigênia. Alexandre de Almeida Argolo, o Barão de Santa Efigênia, chegou naquela terra ainda menino, entre flagelados, num porão de navio, para construir aquele mundo. Tornou-se um homem rico e poderoso, temido e respeitado por todos na cidadezinha onde morava.

Conhece cada casa. Cada pessoa. Cada vida. A sua cidade. A cidade que ele fundara nas lonjuras dos tempos, nem mais se lembra quando. Nos charcos. Erguendo palhoças sobre longos esteios. Vencendo índios, feras, piuns. Dominando doenças. Combatendo inimigos e impondo a ordem (O silêncio, p.63).

Foi o Barão Alexandre quem ordenou ao delegado Josias que “arrumasse” alguém como culpado para o crime de morte contra a professora Fernanda. Simplício foi o bode expiatório encontrado e torturado pelo Tenente Quirino até confessar o assassinato que não cometera. Na ocasião, a cidade toda foi conivente com a situação.

É interessante observar como foi construída a narrativa. O narrador, construído na terceira pessoa, portanto onipotente, pode se valer do discurso indireto livre para ir fornecendo as pistas da história para o leitor através dos pensamentos das personagens. Não há praticamente nenhum protagonista, nenhum personagem é focalizado de forma especial e nenhum deles conduz a narrativa de forma predominante, nem mesmo o Barão, o *figé* maior da cidade. A narrativa não é linear. Os capítulos se alternam em um vai e vem dos acontecimentos no tempo, ora no presente, ora no passado. O foco narrativo também varia a cada capítulo, trazendo contradições ao relato, na medida que os pontos de vista não são iguais, assim ora a narrativa é conduzida pelo ponto de vista do delegado, ora pelos pensamentos do Comissário Alfredão ou do Barão, etc. Há também um “ele”, personagem nunca nomeado, várias vezes conduzindo a narrativa e mesmo fechando o último capítulo. Pelos seus pensamentos dúbios e suspeitos, pela sua conduta de eterno apaixonado pela professora, inconformado com o noivado de Fernanda com outro homem, sempre relembrando a morte dela nos mais íntimos detalhes, como também rememora os sofrimentos impostos a Simplício com certo remorso, supõe-se seja o assassino de Fernanda, mas jamais, em trecho algum, este narrador confessa o fato explicitamente. O leitor que vai sendo conduzido pelo narrador a estas conclusões. Atente-se para o seguinte trecho:

[...] Persistente e inelutável, a lembrança desdobrou, como um pesadelo, todo o horror daquelas horas. [...] Perdera a noção das horas e já era madrugada quando retornou à casa, sentindo-se um estranho na paisagem conhecida. [...] Entrou em casa sem que Margarida o percebesse, jogou-se na cama e ali ficou a olhar o vazio, o pensamento parado no rosto moreno, nos olhos cinza claros, largos e mansos, e no sorriso imobilizado nos lábios para sempre cerrados”. (O silêncio, p. 30-31).

Esta passagem é reveladora de que o “ele” tem na memória lembranças fixas da professora morta, imagens dela num sorriso em lábios para sempre cerrados, portanto, é fácil concluir que “ele” estava presente no instante em que ela foi assassinada, justamente numa noite em que ele voltou para casa de madrugada, escondido da empregada de sua casa. As lembranças “dele” descrevem um homem visitando uma mulher tarde da noite. A mulher é descrita vestida de roupão, em seus traços físicos de viva e depois de morta. Em seguida a este trecho, o “ele” é

acordado por sua empregada Margarida que entra no quarto para chamá-lo e ao servir-lhe o café conta-lhe os acontecimentos recentes da noite anterior. O narrador antecede as respostas do “ele” com as seguintes expressões: *comentou aparentando serenidade*, e mais adiante *indagou afetando displicência*, e por último: *a voz lhe soava falsa quando falou: Morreu? Quando foi isso? Ela vendia saúde...* (*O Silêncio*, p.31-32). Por que ele estaria preocupado em disfarçar suas emoções se não fosse suspeito? Seria necessário disfarçar para a empregada se ele realmente ignorasse os acontecimentos da noite passada? Suas atitudes fingidas ao conversar com a criada são um indício ao leitor de que “ele” pode ser o assassino de Fernanda. O assassinato representando a expressão máxima do controle do homem sobre a mulher, do exercício do poder masculino levado a extremos. Do mesmo modo, o capítulo se encerra de forma melancólica, refletindo as angústias do “ele”, como se fossem indícios da culpabilidade do personagem sem nome:

Ficou olhando as luzes frouxas das lâmpadas elétricas aclarando as janelas, pontilhando a escuridão crescente. Parado no abandono das trevas. O pensamento agrilhado. Um poema de Efigênia Quinari a acudir-lhe à lembrança:
 “E vou caminhando pelo imponderável
 Dos fenecidos caminhos,
 Na busca desesperada do perdido
 Nada,
 Sob olhares mortos e rostos esquecidos”
 Repetia como um Efigênia: “... olhares mortos e rostos esquecidos” (*O Silêncio*, p. 66).

Algumas expressões neste trecho citado, revelando o estado de alma do “ele” apaixonado, são de grande dubiedade, indicando tanto as dores da perda definitiva de um amor como a suspeitabilidade do mesmo em relação ao crime. “Parado no abandono das trevas”, tem sentido duplo, podendo se referir às trevas da noite e às da alma que não está em paz com a própria consciência. “O pensamento agrilhado”, o adjetivo indicando estar com o pensamento preso, prisioneiro, termo que também se relaciona ao espaço semântico da morte, do crime, da punição. O conteúdo lúgubre do poema com o qual “ele” se identifica, que de certo modo descreve os sentimentos íntimos do provável assassino da professora: “caminhando pelo imponderável” ou em “busca desesperada do perdido nada”.

As personagens femininas são todas secundárias em relação aos homens focalizados na narrativa. Até mesmo a “primeira dama”, Dona Babiana, esposa de Alexandre Argolo, somente é

mencionada numa cena para servir café para o Barão e seus convidados, com raras e monossilábicas falas. Não importa se a personagem é a esposa do Intendente Serapião, ou do jornalista Barbalho, ou do chefe do Partido de Oposição, as mulheres são retratadas servindo o café para o marido e visitas, da mesma forma que a empregada Margarida. Não importa o *status*, as funções são as mesmas: servir o homem no ambiente doméstico, ser sua coadjuvante, seja como anfitriã ou empregada.

Além da cidade silenciando sobre a falsidade da investigação do crime da professora, fingindo que aceitava Simplício como o verdadeiro assassino, temos também implícito no título do romance o silêncio das mulheres e de todos os que vivem subalternos aos poderes sem limites dos coronéis de barranco: os pobres, os negros, os índios que vivem na cidade e os serviçais. O trecho citado revela a conformação silenciosa da mulher diante dos adultérios do marido, cujo sofrimento e revolta somente podia se manifestar nos recônditos da mente. Tal procedimento masculino era comum naquele período e região, como de resto em toda a sociedade brasileira:

Os coronéis de barranco vibravam com as polacas e francesas, mas as senhoras de respeito eram guardadas nos palácios, cercadas de criadas e ocupadas em afazeres mesquinhos, como em 1820. [...] O coronel da borracha, ou seringalista, seria o grande astro dessa comédia de *boulevard*, [...] Ele era o patrão, o dono e senhor absoluto de seus domínios, um misto de Senhor do Engenho e aventureiro vitoriano (SOUZA, 1977).

Observe-se que não houve interesse da parte do Barão e nem das autoridades policiais, que viviam debaixo do comando do coronel, em procurar o verdadeiro assassino, como num acordo tácito entre comparsas. Se a vítima fosse o próprio Barão Alexandre, teria o caso ficado sem solução? Até mesmo em relação à arma do crime, nunca foi descoberto o dono da mesma, ou melhor, não foi feito qualquer esforço neste sentido. Ela foi morta à queima-roupa, a tiros, dentro de casa: “foi a empregada quem a encontrou, recostada no sofá, como se dormisse” (*O Silêncio*, p.32).

Quanto ao caráter da morta, tinha sido uma mulher distinta e recatada, conforme as informações da empregada Ernestina ao investigador: “Nenhuma pessoa visitara a casa naqueles últimos dias. A moça não tinha inimigos. Ao contrário, era estimada e respeitada. Gozava de reputação inatacável. Muito religiosa” (*O Silêncio*, p.34). Assim, o trecho é revelador de que nem Ernestina, criada da professora, nem Margarida, empregada do “ele” tinham qualquer conhecimento da visita que “ele” fizera a ela antes de sua morte.

O romance *O Silêncio* retrata assim fielmente uma sociedade patriarcal, um mundo dominado pelos homens, no qual a mulher não tem nenhuma oportunidade ou expressão. Elas cumprem exatamente o papel que se espera delas, ocupam o lugar que lhes dão na sociedade sem questionamentos nem maiores exigências. Como por exemplo, Fernanda que morreu sorrindo, confiante, sem medo de seu ofensor, ou como Dona Babiana que sempre soube das traições do Barão e agüentava calada, resignada: “Ela costumava dizer à Dona Elizete, esposa do doutor Tibúrcio: ‘Comadre, Santa Efigénia é o paraíso dos homens e o inferno das mulheres’” (*O Silêncio*, p.47). Segundo Langley e Levy, a sociedade patriarcal legitima estes dois tipos de mulheres:

De um lado está a mulher-mãe, a mulher-esposa, a mulher-anjo, cujo destino é cumprir suas funções sociais sem jamais reclamar. Na alegria ou na dor, ele deve sempre considerar-se ser secundário, portanto, viver como sombra seja do pai, do marido ou dos filhos. Trata-se enfim, da mulher que compreende seu lugar na sociedade e nada reivindica. De outro lado, situa-se a mulher sensual, a mulher-sentidos, a mulher prazer. Ainda que produto da mesma ideologia, este tipo de mulher constitui a marginalia, coloca-se fora dos limites da família, no lugar do puro prazer. O homem é elemento privilegiado, que transita entre esses dois mundos em si mesmo incomunicáveis: o mundo da honra e o mundo do prazer (LANGLEY & LEVY, 1980).

Em relação ao livro *Sinal dos tempos*⁶, merece destaque novamente a questão da morte de uma personagem feminina por assassinato, sendo que nessa ficção o autor acreano já amadurece sua veia de escritor policial. Nesta narrativa, o escritor já completou a transição do regional para o urbano iniciada em *O Silêncio*, já não temos mais o burburinho da vida no seringal, nem as fofocas das cidadezinhas do interior. *Sinal dos tempos* é uma narrativa sombria, pessimista, estruturada em 20 capítulos, retratando um mundo sem esperanças e sem redenção. A narrativa é conduzida, ainda que em terceira pessoa, pelo ponto de vista do delegado Pedro Xavier, que chegando no tempo de se aposentar, se vê diante do assassinato da esposa de um ex-patrão Hermeto Benevides. A vítima D. Amélia de Andrade Holanda Benevides, pertencente a uma família tradicional e respeitada da classe alta, foi morta com a tiros, com morte instantânea, sem possibilidade de reação, no meio da madrugada, dentro de seu quarto de dormir, estando a casa com todas as portas e janelas trancadas.

O único suspeito vem a ser o marido Benevides, a quem pertencia a arma do crime e cuja vida com a vítima era somente de aparências, pois vivia maritalmente com a amante Carolina

⁶ Usaremos daqui em diante a abreviatura SDT nas citações.

Bridge há 3 anos: [...] nem bem era rezada a missa de sétimo dia em sufrágio da alma de D. Amélia e já toda a cidade comentava, à boca pequena, que o suspeito do crime era o próprio marido, Hermeto Benevides” (SDT, p.83). Mais tarde, no transcorrer da narrativa, Carolina é por ele despachada para o estrangeiro para ficar longe das agruras do processo criminal que foi instaurado para apurar o assassino, apesar de ser a amante seu único álibi, pois com ela passara a noite do crime. Na verdade, Benevides somente veio a saber do sinistro acontecido com sua esposa pelo noticiário da televisão.

Dona Amélia vivia em companhia de um enteado, João Ricardo, filho de Benevides com outra mulher, que falecera logo após o parto. D. Amélia sabia das ligações extraconjugais do marido, mas era bastante orgulhosa para questioná-lo. Fingia não se aperceber do que acontecia, mantendo uma atitude discreta para salvar as aparências. “Estéril, parece que até recebeu como uma graça aquele filho que o destino lhe trouxera, por vias transversais, submetendo-se, sem revolta, à farsa montada pelo marido para chegar à adoção” (SDT, p.69). No transcorrer da narrativa é revelado ao leitor ser este enteado o verdadeiro autor do assassinato, mas Pedro Xavier, embora perceba tudo, acaba na contingência de ter que se aposentar sem prender o criminoso por falta absoluta de provas, uma vez que a arma do crime não tinha impressões digitais e o rapaz forjou habilidosamente seu álibi.

João Ricardo foi criado no luxo e no conforto. Costumava freqüentar boates e chegar em casa sempre de madrugada, acordando a empregada Ernestina para lhe abrir a porta, porque habitualmente se esquecia de levar a chave. Foi exatamente o que aconteceu na noite do crime. Ele acordou a criada no meio da noite, que ao caminhar para abrir a porta, viu luz no quarto da patroa e pensando que esta havia acordado com o barulho, foi ter com a mesma antes de abrir a porta e encontrou o corpo. Foi constatado pelo inquérito que estava tudo realmente trancado e somente as pessoas da casa tinham as chaves: Benevides, a esposa e João Ricardo, além da empregada Ernestina. Outro ponto comprometedor foi que a arma do crime foi encontrada no aparador da sala, completamente limpa. Assim, tendo sido excluída toda hipótese do crime ter sido cometido por pessoas de fora ou ladrões, o corpo não foi sequer tocado, e estando Benevides comprovadamente com a amante, fica indiscutível a culpabilidade de João Ricardo para Pedro Xavier.

Ocorre que Benevides era um pai que amava extremosamente ao filho, e quando o delegado lhe confia suas suspeitas, o deputado “sai do gabinete atabalhoadamente. Pedro Xavier permaneceu sentado, assistindo constrangido àquela manifestação do amor paterno” (SDT, p.131). Mas depois disso, Pedro Xavier coloca um detetive discretamente seguindo os passos de Benevides, em cujo relatório revela que teve muito trabalho para acompanhar suas andanças, porque o deputado esteve muito ocupado “imprensando” a criadagem e fuçando tudo. Os atos de Benevides culminam com uma conversa em seu escritório particular com o filho a portas trancadas e ao final de algum tempo de conversa com o filho, o velho tem um enfarte. Benevides era um homem extremamente rico, com grande prestígio político, por já ter sido deputado e todos acreditavam que seria o próximo governador. Deixou de herança ao filho o Grupo Esperança, firma influente e poderosa na cidade. João Ricardo além de ficar impune, ainda se torna um dos homens mais poderosos da sociedade em que vive.

Em todo o noticiário agora aparecia com maior frequência e relevo o nome de João Ricardo. O novo cacique ia assumindo seu papel e o intrigante era que em tudo não havia uma só palavra, a mínima referência ao assassinato recente de d. Amélia. O dinheiro do Grupo Esperança fizera o milagre de torná-lo inexistente, mera ficção. O espírito do velho Policarpo Benevides triunfara (SDT, p.171).

O narrador faz ainda um interessante paralelo entre as personagens D. Amélia e Carolina Bridge. O leitor obtém as informações sobre a vítima através do interrogatório feito por Pedro Xavier com a criada Ernestina. Esta foi babá de Amélia, viu a menina crescer e noivar, acompanhou-a após o casamento e tornou-se governanta da nova casa. O casamento foi feito por conveniência para juntar o prestígio do nome da família de Amélia com a fortuna de origens incertas dos Benevides. A união durou pouco por falta de amor e interesse de ambas as partes, mas mantinham as aparências permanecendo casados e Hermeto Benevides tinha o costume de almoçar todos os dias em casa com o filho e a esposa. Sobre o caráter da morta podemos ler: “pertencera àquela geração infeliz que marcou a transição do rigor tradicional para o diálogo entre as criaturas das famílias” (SDT, p.69). Portanto, Amélia recebeu educação convencional das moças de família burguesa, preparadas e ensinadas para o casamento, presas aos costumes conservadores e católicos da época:

A patroa, presa a grilhões de antigos preconceitos, não podia conceber a idéia do desfazimento de um sacramento que há muito, na realidade, não existia. Separação, desquite, a patroa não era dessas que andam se separando, não doutor... [...] Para ela, mulher desquitada, era mulher desfrutável. Mulher de ninguém, doutor. Na família de

dona Amélia nunca houve desquite... quando muito as mulheres ficam viúvas (SDT, p.69)

O trecho é suficientemente esclarecedor das atitudes e posturas de Amélia diante da sociedade, tanto que após sua morte, quando Pedro Xavier recebe o laudo da necropsia observa: “Amélia Benevides, esposa do poderoso empresário Hermeto Benevides, um das mulheres mais importantes da sociedade, adulada, invejada, de repente tornara-se, no frio linguajar da perícia, uma peça de laboratório, objeto de exame, identificada, catalogada, numerada” (SDT, p. 57).

Quanto a Carolina, amante de Benevides, é descrita como sendo uma mulher do tipo *mignon*, os olhos violeta, o corpo esbelto, vestida com elegância e muito bonita. Tinha a idade de 28 anos e poderia ser filha do ex-patrão do delegado Xavier. Durante o interrogatório, confirmou ao delegado que mantinha uma relação amorosa há mais de 3 anos com o empresário e viviam praticamente como marido e mulher. Sabia que o casamento dele não existia na realidade, “não estava, portanto, destruindo nenhum lar, nem alimentava o sonho de um dia legalizar a situação” (SDT, p.93), mostrando ser uma mulher integrada aos tempos da época (a concubina), Carolina afiançava amar o ex-deputado e não fazia cobranças. Afirmava também nunca ter conhecido d. Amélia e que jamais se falaram, “não guardava qualquer ressentimento pelo fato de ela concordar com o divórcio. Aliás, isso lhe era indiferente” (SDT, p.93).

Deste modo, podemos perceber que, neste terceiro romance, Ferrante tematiza novamente sobre um assassinato de mulher que permanece na impunidade e muitas Fernandas e Amélias existem por este Brasil adentro. De um modo pessimista, apresenta um mundo controlado pelos mais poderosos, daqueles que possuem muito dinheiro e o comando da sociedade em que vivem. Tanto o coronel Fábio Alencar, como o Barão Alexandre Argolo e Hermeto Benevides se encaixam neste padrão. Seja na selva, ou na cidade, a estrutura é a mesma: corrupção dos ricos, sofrimento e aniquilamento dos pobres e desfavorecidos, mas o que chama maior atenção é o completo mutismo das mulheres nas 3 narrativas. Novamente, nessa ficção, são poucas e curtas as falas femininas, raramente de forma direta, mas geralmente através do relato dos homens conversando entre si e trocando informações. Elas não atuam, não opinam, em raras ocasiões são retratadas em seu pensamento como no caso de Babiana, ou estão mortas e nada podem fazer ou dizer nesta condição.

A presença constante da morte nas produções de Miguel Ferrante, de assassinatos de mulheres indefesas, parecem indicar a situação feminina na sociedade patriarcal que imperava na época em que transcorrem as narrativas. A morte representa a exclusão das mulheres, sua ausência enquanto sujeitos da sociedade em que vivem. Estes relatos de mulheres mudas, excluídas, mortas, ausentes solidificam e dão permanência ao discurso masculino na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 275.
- FERRANTE, Miguel. *O Silêncio*. São Paulo: Ática, 1979.
- FERRANTE, Miguel. *Sinal dos tempos*. Brasília: Letraviva, 1999.
- FERRANTE, Miguel. *Seringal*. São Paulo: Clube do Livro, 1972.
- LANGLEY, Roger & LEVY, Richard. *Mulheres espancadas: fenômeno invisível*. São Paulo: HUCITEC, 1980, p.15.
- PRATÍCIO, Rosana Ribeiro. *Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1999, p.22.
- SILVA, Laélia Rodrigues da. *Acre: prosa & poesia 1900 -1990*. Rio Branco: UFAC, 1998, p.206.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1977, p.99, 100-10.